

Educação e cuidados no Ninho Condessa Marina Regoli Crespi em São Paulo (1936-1965)

Prof^a Ana Celina Cartaxo Dias¹

RESUMO: Este texto trata da trajetória educacional e de cuidados da Fundação Ninho Jardim Condessa Marina Regoli Crespi iniciada em 1936, relatando fatos da história da educação e cuidados prestados aos filhos dos operários do Cotonifício Rodolfo Crespi. O texto traz inicialmente dados da Fundação e de seus fundadores, apresentando posteriormente a proposta pedagógica e assistencial da instituição, traçando ainda detalhes do atendimento destinado pela instituição para cada grupo de crianças.

Palavras- chave: Educação infantil, creche em São Paulo, Higienismo.

O contexto apresentado nesse artigo é o Ninho Jardim Condessa Marina Regoli Crespi e o objetivo é identificar aspectos de educação e cuidados em sua prática com as crianças na década de [19]30. Para tanto foram consultados depoimentos de ex alunos e antigos funcionários, relatórios e documentos da instituição. As finalidades desse atendimento, detalhes da arquitetura do prédio onde o Ninho Jardim funcionou e a sua relação com o Cotonifício Rodolfo Crespi, tecelagem a que a instituição estava vinculada, também são objetos desse texto.

Transformações econômicas e sociais marcaram a década de [19]30 e várias iniciativas foram tomadas pelo governo principalmente quanto à assistência à infância pobre e também à regulamentação do trabalho feminino. Dentre as iniciativas criadas para apoiar a mulher trabalhadora estava à possibilidade de creches junto às empresas para guardar seus filhos enquanto permaneciam fora de casa. O Ninho foi criado pelo

¹ Mestre em Educação, Arte e História da Cultura, Coordenadora Pedagógica da Prefeitura de São Paulo

Cotonifício Rodolfo Crespi com esta finalidade e é o que determina seu primeiro estatuto criado em 1937.

Amparar gratuitamente as crianças de ambos os sexos até a idade de sete anos, filhos de operários necessitados, de preferência residentes no districto da Mooca, desta capital, a juízo da directoria, concedendo-lhes alimentação adequada, vestuários e assistência médica, zelando pelo desenvolvimento physico, intellectual e moral, e ministrando-lhes instrução escolar.

(Diário oficial de São Paulo de 04 de janeiro de 1937)

A Fundação Ninho Jardim foi criada em 1936 pelo casal de italianos Marina e Rodolfo Crespi, um bem sucedido empresário e fundador de um cotonifício que levou o seu nome. Esse equipamento educacional teve o apoio do Estado com incentivos financeiros e fiscais, professoras formadas e educadora sanitária. Localizada nas proximidades do Cotonifício Rodolfo Crespi, detalhe que facilitava a entrega e retirada das crianças que deveriam ser feitas necessariamente pelas mães de acordo com o que exigia a diretoria do Ninho Jardim.

Durante os primeiros trinta anos, ou seja, de 1936 a 1965, a Fundação foi administrada por um Conselho Curador, composto por membros da família Crespi, sendo um presidente, um vice presidente e três diretores.

O trabalho no Ninho Jardim é iniciado em 1936 com leigas e a partir de 1938 as irmãs Missionárias Franciscanas de Maria assumem a direção da creche, sendo que em 1965 esta congregação passa também a presidir a Fundação. Esta Instituição teve um longo percurso de funcionamento, atendeu a infância pobre por 63 anos consecutivos, sendo fechada em 2009. Nesse período a Fundação Marina Crespi era administrada pela Associação Santo Agostinho-ASA. A creche era mantida com apoio financeiro (convênio) com a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Município de São Paulo. O principal motivo de seu fechamento foi a qualidade de conservação do prédio que chegou a uma condição imprópria ao funcionamento.

UM PRÉDIO PARA ATENDER OS FILHOS DOS OPERÁRIOS: UMA CRIAÇÃO DE GIOVANNI BATISTA BIANCHI



Fachada da parte da frente do prédio. Cinquant`anni di lavoro degli Italiani in Brazil V.I.
Lo stato di São Paolo – Ed. Società Italiana Sao.Paulo 1936.
Figura 01.

O prédio da Fundação Marina Crespi foi construído pelo arquiteto italiano Giovanni Batista Bianchi. O amplo edifício está situado na Rua João Antônio de Oliveira, 59, no bairro da Mooca. Atualmente, encontra-se completamente depredado após ser invadido e ocupado por mais de 50 famílias. O prédio compreendia diversos ambientes para acomodação das crianças, além de lavanderia, oficina de costura, cozinha, refeitórios, copa, lactário, salões diversos, consultório médico e dentário, enfermaria, isolamento e instalações sanitárias. O edifício contava ainda com soláriuns, terraços, parque com brinquedos, enfim, um edifício harmonioso, tanto nas linhas gerais quanto nos detalhes da construção, especialmente projetado para atender até duzentas e cinquenta crianças.

Condessa Marina Crespi, a fundadora, inspirou-se para a construção nos grandes centros europeus, sendo a Fundação considerada, pelo serviço que passou a desenvolver com as crianças, uma obra de grande generosidade e beleza, conforme publicação do jornal Diário de São Paulo.

O Ninho Condessa Marina Crespi é uma instituição moldada em outras existentes na Europa.(...) Na última viagem que fez à Europa a ilustre senhora procurou informar-se do que a respeito existia na Itália, trazendo plantas, regulamentos e estudos sobre o assunto.

(Diário de São Paulo, 14 de maio de 1934)

OS CUIDADOS COM AS CRIANÇAS NO NINHO JARDIM

Mulheres de várias nacionalidades se ocuparam em funções diversas para cuidar dos filhos dos empregados do Cotonifício Crespi: brasileiras, portuguesas, lituanas, italianas, argentinas, espanholas, polonesas e japonesas. De acordo com o livro de funcionários (Livro 01, 1936), o Ninho mantinha registradas até a década de [19]40, em seu corpo de funcionários, 30% de mulheres com nacionalidade estrangeira. Mulheres jovens, algumas delas analfabetas se dividiam em serviço de limpeza, copa, cozinha, lactário, pajem, educação, enfermagem etc.

Muitas famílias, especialmente no bairro da Mooca em São Paulo, tiveram seus filhos atendidos no Ninho Jardim Condessa Marina Crespi, condição que se estendia apenas aos filhos dos operários do Cotonifício Rodolfo Crespi. Maria Ignez Vilanni é um exemplo de quem garantiu essa condição, pois era filha de operária desse Cotonifício. Ela e seus irmãos tiveram em regime de tempo integral atendimento garantido enquanto a mãe se dedicava por longas horas diárias aos serviços no setor de fiação da fábrica de Rodolfo Crespi. Em entrevista concedida em 2009, ela recorda parte da rotina que enfrentava juntamente com outras crianças. Em suas lembranças evidencia-se a prioridade à higiene e aos cuidados com a saúde em ações que ocupavam a maior parte do dia na instituição. Após o banho as crianças se vestiam com roupas da creche e permaneciam até o final do dia quando então vestiam suas próprias roupas para o retorno a casa. Além do banho, a lavagem das mãos antes e após as refeições e escovação dos dentes eram prioridades no programa de higiene que incluía também a limpeza do ambiente e sua manutenção. Era, portanto, a exigência da ordem atrelada ao desejo de impor hábitos para transformar os costumes das crianças e o de suas famílias. Esta preocupação com o asseio transmitida às crianças no Ninho Jardim e conseqüentemente as suas famílias estava de acordo com a proposta veiculada pelo amplo movimento em prol da higiene nos anos 1930. Estabeleceu-se nessa época um modelo de educação pautada nos princípios burgueses, segundo os quais um “novo” hábito deveria ser criado entre os mais pobres. Tendo como foco de discurso a defesa da educação e da saúde, este movimento defendia uma prática educativa que fosse capaz de inculcar nas crianças pobres modos de viver diferentes daqueles com que elas estavam acostumadas. Munida de um currículo calcado nos ensinamentos da ciência, a aprendizagem se apoiava na imitação e em conselhos dos mestres a favor da escola

higiênica onde a formação de hábitos corretos era a grande responsabilidade do professor.

A prática da uma higiene rígida e a promoção da saúde eram entendidas como uma dádiva às crianças pobres e suas famílias. A escola foi alvo dessa ação nacional e era vista como um espaço privilegiado para intervenção onde um *Projeto civilizatório* (Rocha, 2000) garantia um leque de estratégias regeneradoras, elaboradas por médicos e educadores, em que a higienização figurava como forma de prevenir doenças ou até uma solução para os problemas sociais da época. Os prédios escolares também estiveram sujeitos às prescrições de higiene e a creche não ficou fora disso, pelo contrário, durante muito tempo foi entendida como um espaço que deveria promover a saúde. As crianças que frequentavam creches eram as mais pobres e filhas de trabalhadores, desse modo, além da promoção à saúde, a creche poderia livrá-las da delinquência.

Vale, entretanto, ressaltar que foi inegável o ganho que representou para a humanidade gestos simples como lavar as mãos, principalmente contra as doenças epidêmicas que muito contribuíram para o aumento do número de mortes entre as crianças mais pobres. A instituição funcionava de segunda a sexta, entretanto, para atender a necessidade do Cotonífcio, atendia as crianças também em dias feriados e finais de semana desde que a mãe estivesse trabalhando.

Trata-se, a seguir, da educação e dos cuidados destinados a cada grupo de crianças no Ninho.

EDUCAÇÃO E CUIDADOS COM OS BEBÊS

No Ninho Jardim atendiam-se crianças a partir de 40 dias até 7 anos de idade e estas ficavam organizadas em grupos distintos: berçário (1 e 2 anos) maternal (3 anos) e de 4 a 7 anos jardim de infância e pré-escolar. Um acervo de fotos da instituição revela detalhes sobre a organização do berçário e do lactário. Essas fotografias bem como relatórios da Fundação revelam ações específicas com os pequenos, observadas no próprio ambiente destinado a estes e também em utensílios específicos para o desenvolvimento dos cuidados com essa faixa etária.

Na ampla sala do berçário havia muitos berços e sobre estes a manutenção de xales de renda muito provavelmente para evitar o contato com moscas ou pernilongos,

uma forma muito usada na época em residências e hospitais. As crianças pequenas mantidas em creche enfrentavam uma rotina muito parecida com a de um hospital, permanecendo por longas horas em berços sem o contato com as crianças maiores. Geralmente eram tiradas dos berços no momento do banho e muitas vezes até a alimentação acontecia nesse ambiente uma vez que era oferecida em mamadeiras. Esse modelo de cuidados, além de se espelhar em desculpas para se evitar a manha infantil estava relacionado a uma concepção de cuidados com a infância. O número de adultos disponíveis nas instituições para os cuidados com as crianças reforçou esse modelo.

No caso do Ninho, segundo consta em uma publicação de 14 de maio de 1934 (Diário de São Paulo) a razão entre adultos e crianças foi estabelecida ainda na construção, considerando o conforto da criança como imprescindível.

Estão previstos todos os detalhes necessários a assegurar o conforto das crianças. Um grupo de seis crianças terá uma pessoa especialmente encarregada de velar pelo seu tratamento carinhoso, sob as ordens de uma diretora responsável.

O leite, considerado essencial para a nutrição dos bebês se estendia a casa até pelo menos um ano de idade. No berçário do Ninho a presença de quadrados de madeira acrescia o mobiliário deste ambiente. Nos quadrados só ficavam as crianças que já podiam permanecer sentadas e as que se colocavam em pé. Esse modelo revela ao mesmo tempo, proteção aos pequenos e o controle exercido sobre eles, pois limita o espaço e oferece pouca variação de locais para a criança.

Além dos cuidados com a alimentação, a intervenção médica desenvolvia protocolos e práticas hospitalares como aplicações de injeções, banhos de luz, coleta de materiais para exames. Entendida como promotora de saúde garantia enfermagem ou o isolamento à criança que necessitasse desses procedimentos até o retorno da mãe de um dia de trabalho. O pediatra do Ninho, Dr. Januário Malzone, foi por muitas décadas consecutivas responsável pela creche, determinando condutas que pudessem reduzir riscos à saúde infantil. Entre suas orientações estava, por exemplo, as crianças no Ninho não usarem chupetas e todos com menos de 1 ano levarem mamadeiras de leite para casa, uma forma de garantir uma mamada noturna fora da creche. As crianças que já se alimentavam com sopa também levavam o jantar para casa.

A grande mola propulsora do atendimento do Ninho configura-se no tripé higiene pessoal, cuidados médicos e alimentação.

Conjuga-se aí uma grande preocupação para garantir o quesito saúde, considerado de suma importância na época devido ao alto índice de mortalidade infantil que se agravava ainda mais em instituições como creches, asilos, orfanatos etc.

A alta mortalidade infantil no Brasil, que se estendeu ao início do século XX, talvez reflita do ponto de vista da assistência à criança a falta de leis que assegurassem a devida proteção à infância, fato que foi definido pelo médico Oscar Clark (1940) *como o maior problema a reclamar solução no Brasil*. Segundo ele, esse problema não é só humano, é econômico.

Combatendo (...) a mortalidade infantil, cuidamos da mais preciosa economia nacional (...) há lugares onde morrem apenas 180 crianças por mil; e outros, onde a cifra sobe a 400 e, mesmo, a 500 por mil (...) Não exageraríamos, assim, se afirmássemos que, entre nós, a criança nasce para morrer. (p. 36)

É certo que nas regiões de menor desenvolvimento, as crianças morriam mais. A criança pobre que durante séculos esteve desprotegida social e politicamente, sem uma defesa que lhe assegurasse prioridades, esteve também mais exposta às doenças e às precariedades causadas pelas condições que a pobreza reforçava.

As mães podiam amamentar as crianças. Segundo Morchida (1988, pp. 80/81), o decreto 3.847 de maio de 1925 aprova o regulamento das escolas maternais especifica que os proprietários que instalarem creches devem permitir que as mães operárias amamentem de duas em duas horas seus filhos na creche. O incentivo ao aleitamento foi um grande aliado das crianças no combate à desnutrição e à morte prematura e o governo via nessa medida a proteção às crianças. Juntamente com outras, deveriam se constituir em hábitos para a preservação da vida das crianças. Em conformidade com o que garantia a legislação vigente na época, a mãe operária podia amamentar o filho e a empresa deveria se esforçar para garantir esse direito da mulher.

EDUCAÇÃO E CUIDADOS NO JARDIM DE INFÂNCIA E PRÉ- ESCOLA

Em 1941, a jornada de trabalho de uma pajem no Ninho Jardim era de 11 horas, sendo que tinha, dentro desse horário, três horas de descanso. Recebia um salário de 220\$000 (duzentos e vinte mil reis) que na época correspondia a um salário mínimo.

A Fundação recebia desde 1936 até o ano de 1970 cinco professoras pré-primárias pagas pelo governo estadual.

Um Relatório da Fundação Marina Crespi com data de 20 de maio de 1970, no item d, considera que tal questão, ou seja, a remuneração das professoras foi para esta instituição uma contribuição do Estado sob forma de prestação de serviços: 5 professoras pré-primárias, em período de 3 horas e meia por dia.

Segundo Kishimoto (1988. p.69), a idéia do Estado subsidiar o ensino particular encontra respaldo no pensamento de Sampaio Dória. Essa política se amplia na década de [19]30 beneficiando vários estabelecimentos de jardins de infância de caráter assistencial, mantidos por particulares, e que participam do sistema de subsídio de professores sob a responsabilidade do Estado. Dória aparece como um dos principais defensores da ideia de educação infantil nos anos 1920, afirma a pesquisadora.

“Influenciado pelas concepções de Spencer, Comte, Comenius, Pestalozzi e Froebel, o pedagogo antevê a importância da educação anterior aos 7 anos, ou seja, da educação dos sentidos para a formação do caráter”. (Kishimoto, 1988, pp.69, 70)

Os professores que desempenhavam função na creche saíam do quadro do magistério primário. No caso do jardim de infância, teriam a preferência pelas salas as professoras que comprovassem formação artística e assegurassem a possibilidade de se ocupar de atividades especializadas, tais como música, canto, ginástica, dança rítmica e modelagem. Na finalidade era promover o desenvolvimento físico e cuidar do desenvolvimento intelectual das crianças até sete anos.

(...) Entre as instalações destinadas a assegurar o bem estar e o desenvolvimento físico e intelectual das crianças, estão as aulas para curso pre-elementares, dispoendo de jogos e brinquedos instructivos. Esses cursos serão dirigidos de acordo com os métodos froebelianos.

(Diário de São Paulo 14 de maio de 1934)

Além de promotora de saúde a rotina no Ninho possibilitava o contato das crianças com atividades e exercícios que remonta um modelo de atendimento que além de promover a saúde era também preparatório. As crianças tinham acesso às diferentes linguagens como a música, histórias infantis, o desenho, e a brincadeira mesmo sem que se estimulasse a participação criativa da criança. Na rotina do Ninho Jardim, as crianças passavam longos períodos no desenvolvimento de trabalhos manuais como alinhavo, bordado, tecelagem, dobradura e atividades em papel. Esse tipo de atividade tinha como objetivo levar a criança a adquirir destreza ou desenvolver habilidades finas. Não deixa,

portanto, de ser reveladora de uma preocupação com a questão pedagógica uma vez que as atividades manuais fazem parte do material criado pelo pedagogo alemão Friedrich Froebel. Os trabalhos manuais, segundo os conceitos froebelianos, eram atividades importantes na educação das crianças. Esse educador desenvolveu uma pedagogia destinada as crianças até sete anos de idade. Pelo que se observa havia por parte das funcionárias (pajens) e professoras que atuavam no Ninho Jardim uma certa clareza de que as crianças tinham a necessidade de um trabalho apropriado a elas, entretanto, esta era uma prática considerada como sendo da escola primária (termo usual da época) como cópias, “aeiou”, ditados, contas etc. Pelo que se observa, essas atividades se misturavam com outras compondo o currículo da instituição e funcionando umas como complemento de outras, mesmo que isso não apareça como um objetivo claro nos registros pesquisados.

Na sala tinha um baú bem grande e em cima dele tinha um mural onde ficavam os trabalhos que as crianças faziam: pintura, dobradura, desenho. Fazíamos muita tecelagem no papel.

A gente bordava [...] Eu lembro que eu fiz um álbum de fotografia bordado. Tínhamos todas as coisas: Agulha, lápis de cor e ficavam tudo lá na sala mesmo. Cada um tinha seu caderno de atividades, seu caderno de recortes, uma coleção de fichas prontas para bordar.

(Entrevista realizada em 2009)

Os princípios da fundamentação teórica de Froebel foram incorporados pelos jardins de infância brasileiros e até hoje servem de orientação para a prática destinada à infância em instituições educativas.

Pelos dados analisados, desde o início do funcionamento dessa instituição encontra-se o registro de despesas financeiras com material pedagógico como: livros, giz de cor, lápis de cor, projetor de filmes e pastas escolares para as crianças. As crianças maiores (maternal e jardim de infância) desenvolviam trabalhos sob a orientação de professoras e tinham, portanto, uma programação didática a ser seguida compreendendo diferentes áreas. A partir de 1941 o Ninho passou a contar também com o trabalho de uma assistente social e uma educadora sanitária.

Em relação à organização do trabalho em todo seu detalhamento, o Ninho contou com a assessoria de uma conceituada educadora na época. De acordo com Kishimoto (1988), foi Alice Meireles Reis a educadora que assessorou a prática pedagógica do Ninho. Segundo Kishimoto, ela também assessorava um asilo pertencente à Santa Casa de São Paulo.

Alice Meirelles Reis, conhecida por seus trabalhos de inovação pedagógica na área de educação infantil. Indicada pelo governo do Estado, ela presta assessoria pedagógica à Fundação Paulista de Assistência à Infância e, por iniciativa própria, orienta gratuitamente o Ninho Condessa Marina Crespi e o Asilo Sampaio Viana. (p.130)

Outro aspecto que se observa no Ninho é a preocupação com os princípios religiosos que já aparecem no início do funcionamento da casa. Nos registros que compõem a história do Ninho estava previsto no postulado das Missionárias Franciscanas de Maria a aproximação das famílias e das crianças aos sacramentos da Igreja Católica.

A fundadora da casa era uma pessoa de reconhecida prática católica e assim sendo queria isso também para os filhos de seus empregados, fato que para Kuhlmann (2001, p.183), *é uma educação mais moral que intelectual*.

A imprensa operária nos anos 1920 fez diversas críticas à prática religiosa nas escolas para filhos de operários e escolas tradicionais. Em contrapartida defendia para seus filhos “A Escola Moderna”, *o ensino racional, baseando-se sobre a razão e não se curvando à fé* (Decca, 1991, p.62).

Sob a orientação de professoras, pajens e religiosas, outras atividades foram registradas por meio de relatórios da casa. A prática de educação física era diária e a organização de filas era tida como uma atividade e um ensinamento que as crianças deveriam aprender, pois era vista como uma forma de organização e controle. Usada para manutenção da ordem estabelecida pelo adulto, a fila é ainda utilizada em entradas ou saídas de escolas ou mesmo no deslocamento das crianças de um espaço para outro.

As atividades físicas foram muito valorizadas nos anos 1930 e 1940 no Brasil. Essa prática comungava com a possibilidade de construir uma nação forte. Em relação à criança pequena estava relacionada ao cuidado com o futuro da Nação que essa criança ora representava.

As rodas, cantos, rudimentos de desenho, pintura, recorte, colagem, modelagem, dobradura, além disso, a música se configuravam em uma prática constante no Ninho, podendo ser desenvolvidas em salas e no pátio, como relata Maria Ignez Villani, ex aluna do Ninho, na década de [19]40:

“Na sala que dava frente ao pátio tinha um piano e tinha uma professora que tocava pra nós. Nas festas da creche a gente cantava e também fazíamos ginástica rítmica”. (Entrevista, 2009)

A apresentação de teatros organizados pelas professoras também fazia parte da rotina das crianças, sendo esta atividade, provavelmente, mais esporádica, pois ocorria em ocasiões especiais e em dias chuvosos, talvez como forma de substituir atividades que eram programadas ao ar livre. Em fotografias da instituição, é possível identificar números escritos em um painel na parede do refeitório, local onde todas as crianças se encontravam diariamente.

Acrescentava-se a esta proposta exibição de filmes e passeios. Através de um projetor, as crianças tinham acesso a algumas produções, conforme se recorda Maria Ignez em entrevista realizada em julho de 2009:

Elas passavam filmes (...) tinha o projetor de filmes. Assistíamos “O barba-azul”, “Mil e uma noites”. Quando víamos, ficávamos muito alegres. Então nós usávamos o refeitório: as mesas eram arrastadas e ficávamos ali brincando (...) a irmã Maria lia história para nós (...) Lembro da história do Pequeno polegar e Chapeuzinho, foi lá que eu ouvia a Irmã lê para nós.

A fundadora da Instituição, conhecedora e admiradora das artes, para que as crianças tivessem acesso a diferentes linguagens, incentivou seu contato com filmes, músicas e a leitura, formas valorosas de comunicação. Semanalmente as crianças podiam brincar e praticar jogos com bola no campo do Clube Juventus². Pelo que se pode observar as crianças menores não eram privadas das saídas da creche, com exceção dos bebês.

A identificação dos ambientes do Ninho Jardim aponta que as crianças eram divididas em seis grupos e seguiam programas diferenciados. Os grupos se dividiam em: berçário, I ano, II anos, classe maternal, classe jardim e classe pré-primária que na estrutura da instituição eram denominados creche, maternal, jardim de infância e pré-escola.

Os ambientes pouco se alteravam e o mobiliário parece procurar atender a especificidade de cada grupo. Na “classe do pré-primário”, por exemplo, levando-se em conta o mobiliário disponível, observa-se que as crianças dessa faixa etária tinham acesso à prática de desenho, carpintaria e escrita, entre outras.

No mobiliário destinado ao grupo do jardim de infância acrescenta-se um piano e percebe-se que já não há banco para carpintaria nessa sala. No mobiliário existente na

² O muro do campo de futebol Atlético Juventus (hoje Estádio Conde Rodolfo Crespi) faz divisa com o Ninho Marina Crespi, sendo mantido por muito tempo um portão que dava acesso ao campo. O clube foi fundado por Rodolfo Crespi em 1924.

sala do maternal, é possível observar 14 mesinhas para crianças e mais 2 mesas recobertas com flande para atividades.

O fato de haver professoras trabalhando com as crianças a partir dos 4 anos permite supor que o processo de alfabetização, ainda que tenha sido iniciado no jardim de infância, fosse intensificado no “pré primário”, pois no material utilizado pelas crianças deste grupo encontram-se: lápis, cadernos, pastas e réguas, objetos próprios da prática da escrita. Além disso, em fotografias da Instituição, verifica-se que nas paredes do refeitório havia cartazes com os algarismos escritos em destaque, o que faz supor a preocupação com a fixação dos números, além das letras, pelas crianças.

No início do trabalho do Ninho foi anunciado o compromisso com os princípios dessa pedagogia e a intenção de desenvolver um modelo de educação com base na pedagogia de Froebel. Os princípios froebeliano aparecem como norteadores da proposta, fato que se observa quando se analisam algumas atividades desenvolvidas com as crianças. Na análise da pesquisadora Tizuco Morchida (1981), o que se observou foi que no decorrer do tempo essa prática foi se somando a outros modelos pedagógicos também difundidos na época.

Em seus estudos sobre o Ninho, realizados na década de [19]80, esta pesquisadora observou que a diversificação do material didático utilizado tinha um fim em si mesmo, sobrepondo-se à busca pela natureza infantil.

O argumento assistencial acompanhou sua trajetória de atendimento, minimizado, possivelmente, por iniciativas de formação docente, alteração na carreira do magistério e a passagem das creches para a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação a partir de 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos anos 1930, com o crescimento da indústria e o processo de aceleração da urbanização, surgem iniciativas de amparo à criança. Reconhecida como um adulto em potencial passa a ser alvo de políticas sociais praticadas por órgãos criados para ampará-la e assisti-la. Construir creches para filhos de operárias foi uma dessas iniciativas, sendo fruto da organização e de reivindicações do trabalhador que forçou os industriais a pensar em locais para deixar as crianças enquanto as mães trabalhavam. O Ninho Condessa Marina Regoli Crespi foi inaugurado em 1936 e

prestou às crianças concomitantemente serviços assistenciais e educativos. Manteve creche, maternal e educação pré-escolar, sendo que os dois últimos seguiam o programa pedagógico do Estado, ou seja, a programação do jardim de infância. Além de atividades influenciadas pelo pensamento froebeliano, observam-se ainda outras fontes de inspiração pedagógica trazidas pela tradição educacional que se identificam com as ideias de Pestalozzi na medida em que considera as necessidades das crianças e seu desenvolvimento de acordo com as diferentes idades de cada grupo ali constituído. Para Pestalozzi, a educação precisa considerar o desenvolvimento físico e moral do ser humano, algo declarado no estatuto do Ninho. O Ninho funcionou num prédio moderno e para assistir as crianças os fundadores montaram consultório médico e dentário, enfermaria e lactário. Manteve distribuição de leite e sopa para as crianças quando estas estavam em casa também.

Um prédio especialmente construído para funcionar como creche e teve como grande aliado da qualidade dos serviços prestado a sua arquitetura que permitiu a formação de grupos de crianças diversos e a permanência destes em diferentes ambientes. O Ninho garantiu em sua proposta cuidados e educação, ali, as crianças filhas de operários do Cotonifício Rodolfo Crespi, indústria mantenedora desse estabelecimento, tiveram acima de tudo, um local de cuidados enquanto suas mães se dedicavam a longas horas de trabalho nessa tecelagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-lei nº 2024 de 17 de fevereiro de 1940. Estabelece as bases da organização da proteção à maternidade, à infância e à adolescência em todo o país. Disponível em: <http://www.ciespi.org.br/base_legis/legislacao/decreto_lei_n2024.htm>. Acesso em: jul. 2009

_____. Decreto-lei nº 5452 de 01 de maio de 1943. Estabelece a consolidação das leis do trabalho. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/10/1943/5452.htm>>. Acesso em: nov. 2009.

_____. Decreto-lei nº 17698 de 26 de novembro de 1947. Estabelece leis e demais normas relativas ao ensino. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/225200/decreto-17698-47-sao-paulo-sp>>. Acesso em: set. 2009.

CLARC, Oscar. **O século da Creança**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1940.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **Cotidiano de trabalhadores na República**: São Paulo-1889/1940. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

DIÁRIO OFFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Extracto Para o registro dos seus estatutos**. São Paulo, 04 jan. 1937.

DIÁRIO DE SÃO PAULO. **Para assistência diurna e tratamento dos filhos de operários**. São Paulo, 14 out. 1934.

FUNDAÇÃO NINHO JARDIM CONDESSA MARIANA CRESPI. **Ata da reunião ordinária**. 24 jan. 1974

_____. **Relatório dos Móveis e Utensílios existentes no Ninho Jardim Condessa Marina Crespi**, jan. 1939

_____. **Relatório, 20 maio 1970**

_____. **Ata da Inauguração, 18 jan.1936**

_____. **Inventário, 1938**

_____. **Livro N°. 01**

_____. _____. **de Funcionários**

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)**. São Paulo, Loyola, 1988.

KUHLMANN. Moysés Jr. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**/moysés kuhlmann Jr. Porto Alegre: Mediação, 1998.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. **A Higiênização da criança no século da criança**. In: FARIA, Ana Lucia Goulart; MELLO, Suely Amaral. (Orgs.). **Linguagens infantis outras formas de leitura**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SOCIETA' EDITRICE ITALIANA. **Cinquant'anni di lavoro degli italiani in Brasile**. Vol.1 lo Stato di Sao Paulo. Sao Paulo, 1936

ENTREVISTA REALIZADA

Maria Ignez Vilanni, 24 jul. 2009

